

Kurt Gossweiler

Revisionismo – Coveiro do Socialismo

Sobre o aparecimento do revisionismo moderno
e o seu estabelecimento na União Soviética sob Khruchov 1953-1964

Conteúdo:

1. Algumas considerações sobre a origem e caracterização do «revisionismo moderno».
2. Como Khruchov iniciou a destruição do poder soviético.
3. Objectivos e consequências do XX Congresso do PCUS.
4. Dois pontos principais, através dos quais os revisionistas conseguiram a sua base de apoio e impuseram a mentira histórica com a qual paralisaram o movimento comunista
5. Algumas notas finais

É para mim uma grande alegria partilhar a possibilidade de participar nesta reunião com o camarada Harpal Brar, que tive o privilégio de conhecer pela primeira vez, há nove anos, no seminário anual de Maio do Partido do Trabalho da Bélgica.

Agradecemos ambos à revista *Offensiv* e aos seus incansáveis editores, Frank e Anna, a possibilidade que nos deram de estarmos aqui hoje presentes. Também quero agradecer aos jornais que se disponibilizaram a publicar anúncios desta reunião, ao *Junge Welt* (Novo Mundo), ao *Roten Fahne* (Bandeira Vermelha) do Partido Comunista da Alemanha (KPD) e ao *Unsere Zeit* (Nosso Tempo) do Partido Comunista Alemão (DKP).

O nosso tema comum é «O revisionismo – Coveiro do Socialismo». Esta constatação é verificável em cada um dos livros que ambos escrevemos de forma completamente independente um do outro. O facto de, no entanto, termos chegado exactamente às mesmas conclusões, comprova a correcção de uma frase, antes muito em voga entre comunistas, quando o movimento comunista internacional ainda encontrava fundamento firme no marxismo-leninismo, que dizia: independentemente de onde vivam comunistas – Berlim, Nova Iorque, Moscovo ou Pequim – chegarão à mesma posição, independentemente uns dos outros, em todas as questões decisivas da luta de classes.

Assim os nossos pontos de partida foram logo muito diferentes, bastaria a diferença de idades. A mim, os três primeiros anos de Khruchov no poder convenceram-me do que escrevi no meu diário político, em 19 de Janeiro de 1957: «Não há dúvidas de que na chefia do Partido de Lénine e Stáline se encontra actualmente um inimigo, um homem de confiança dos serviços secretos imperialistas, principalmente dos americanos, um cúmplice do desde há muito agente dos serviços secretos e da CIA, Tito.» (Kurt Gossweiler, *A Crónica dos Pés de Lã ou a Khruchoviada*, 1953 até 1964, Tomo I 1953-1957, Munique, 2002, pág. 209).

Também a óptica das nossas análises é marcada pela especialização de cada um de nós: o camarada Brar, economista, colocou o acento tónico na análise da política económica de Gorbatchov e, retrospectivamente, na de Khruchov. O meu campo principal de investigação foi, por sua vez, a política interna e externa de Khruchov, a política perante a história do próprio Partido, a política perante os partidos e países socialistas irmãos – especialmente

perante a RDA – a política perante o imperialismo. A política económica, onde a reconheci, não ficou naturalmente de fora – por exemplo a dissolução das *MTS*¹ ou a «campanha das terras virgens» – mas para uma análise rigorosa das «reformas económicas» de Khruchov e de Brejnev, como a que fez o camarada Brar, faltaram-me não só os conhecimentos político-económicos, mas também o necessário conhecimento material.

Mas seja lá por que lado for que peguemos na política dos revisionistas, chegamos sempre à mesma conclusão: o revisionismo aponta para a restauração do capitalismo e lá onde não se puser fim às suas actividades, torna-se no coveiro do socialismo e também – tem de acrescentar-se com ênfase – do movimento comunista. Por isso ambos os livros se completam – penso que de forma feliz – seja pela cronologia, seja pela perspectiva de observação. E também pelo objectivo!

No último parágrafo do seu livro, *Perestróika*, o camarada Brar escreve:

«O autor procura alcançar uma resposta à questão importante: como foi possível que (...) esta URSS, que partiu o pescoço a uma imensa máquina de guerra hitleriana, tenha sucumbido tão vergonhosamente enquanto Estado socialista? Ninguém pode negar o enorme significado que terá para todo o movimento comunista encontrar a resposta certa a esta pergunta. Só o tempo e outras investigações demonstrarão se o autor teve êxito na resposta que propõe.» (*Perestróika*, pág. 163)

No prefácio do meu livro *Crónica dos Pés de Lã*, pode ler-se:

«Desde a queda da URSS e do primeiro Estado que se tornou socialista na Europa que a pergunta mais importante e simultaneamente mais dolorosa para cada revolucionário socialista recai sobre as causas desta catástrofe para a Humanidade (...) Se, no movimento comunista e dos trabalhadores, este livro contribuir para uma compreensão global das verdadeiras causas da derrota, de forma nenhuma inevitável mas sim perfeitamente evitável, e assim chegar-se mais perto do que impediu a vitória sobre o imperialismo neste século, vitória essa de forma nenhuma impossível mas sim quase certa e já quase impossível de evitar, então este Diário terá tido alguma utilidade social e justificado a sua publicação.»

1. Algumas considerações sobre a origem e caracterização do «revisionismo moderno»

O velho revisionismo «social-democrata» de Bernstein e Kaustky, enquanto concepção teórica ao serviço dos interesses do capital monopolista, surgiu em estratos de trabalhadores corrompidos que fizeram a sua paz com o capitalismo «reformado». O «revisionismo moderno», isto é, o revisionismo nos partidos comunistas e países socialistas, teve uma origem diferente, não veio «de baixo». Na URSS de antes da Guerra não existia o conceito de «revisionismo moderno» porque aquilo que o caracteriza ainda não existia. Existia o «trotskismo» enquanto desvio de «esquerda» e existiam desvios de direita oportunistas da linha geral do Partido que já denotavam elementos que também caracterizam o revisionismo moderno, mas ainda não continham em si todos os seus conteúdos e as características.

Ambos, o velho e o novo revisionismo, têm em comum o facto de serem os agentes da burguesia no movimento dos trabalhadores. O velho revisionismo age no capitalismo e quer impedir a revolução para conservar o capitalismo. O revisionismo moderno quer fazer recuar a revolução para restaurar o capitalismo.

O país socialista, em cujo partido comunista, pela primeira vez, foi colocado no lugar do marxismo-leninismo o que mais tarde recebeu o nome de «revisionismo moderno», foi a Jugoslávia de Tito. Mas ele não surgiu aí, teve a sua origem nos EUA e o seu criador não foi nenhum outro do que o durante longos anos secretário-geral do PC dos EUA, Earl Browder.

¹ *MTS* – sigla russa para Estação de Máquinas-Tractores (*machinno-tractornaia stantsia*), estruturas criadas pelo estado soviético no início da colectivização dos campos para permitir a mecanização da agricultura e a viabilização dos *kolkhozes*. (*Nota do editor*)

Não temos tempo para fazer aqui uma exposição pormenorizada sobre as suas concepções e a forma como foram transportadas dos EUA para os PC da Europa. (Sobre este tema ver K. Gossweiler, *As origens do revisionismo moderno ou como o Browderismo foi transplantado para a Europa – Reflexões a propósito dos diários de Georgi Dimitrov, Ofensiv – Revista pelo Socialismo e Paz*, 10/03).

Refiro aqui somente o seguinte: a partir de 1942, a seguir à sua libertação da prisão, Browder iniciou um curso oportunista, destruiu o PC dos EUA transformando-o num género de uma associação de propaganda, defendeu a dissolução do Partido numa frente alargada abrangente de todas as classes e o abandono da luta dos comunistas pelo socialismo nos EUA. Anunciou que os EUA tinham desistido da sua intenção de eliminar o socialismo na URSS, que no futuro estaria assegurada uma paz duradoura mediante a cooperação dos EUA com a URSS e defendeu que a URSS deveria reconstruir as suas regiões destruídas pela guerra com créditos dos EUA.

As suas ideias revisionistas foram publicadas em língua alemã e francesa e divulgadas na Suíça, ainda durante a guerra, entre comunistas emigrantes de diferentes países – principalmente alemães, húngaros e jugoslavos – e largamente popularizadas em cursos de formação.

O homem responsável pela tradução e divulgação entre os comunistas emigrantes deste original do revisionismo moderno foi Noel Field, um funcionário público americano, amigo pessoal de Browder, que depois de ter saído das Brigadas Internacionais e dos campos de internamento franceses, pertenceu à Comissão Internacional que registava todos os voluntários das Brigadas Internacionais evacuados de Espanha para França. Em França e na Suíça dirigiu uma organização de ajuda e, através dela, travou conhecimento com emigrantes comunistas de muitos países. Simultaneamente trabalhava com Allan Dulles, residente em Berna, chefe do serviço secreto americano OSS (*Office of Strategic Services*).

No seu livro, *Perestroika* (págs. 126 e seg.), o camarada Brar refere-se a um dos revisionistas polacos mais proeminentes, o economista burguês Oskar Lange, que leccionou na Universidade de Chicago nos anos 30. No livro que publicou em 1935, *Economia Marxista e Teoria Económica Moderna*, partindo de posições revisionistas, declara a economia marxista como ultrapassada e muito inferior à moderna teoria económica burguesa. Propagava a ideia de uma suposta «comunhão elementar de valores essenciais» entre os EUA e a URSS, que encontramos de forma idêntica em Browder. É muito possível que este tivesse conhecimento das conferências e livros de Lange e adoptasse algumas das suas ideias.

Resumindo podemos dizer: distinguindo-se do velho revisionismo social-democrata, que de certa forma nasceu nos estratos superiores da classe trabalhadora, o «moderno» revisionismo foi introduzido no movimento comunista a partir de fora, clandestinamente, enquanto ideologia imperialista de desagregação.

Mas como e porquê pôde aí criar raízes e por fim vencer o marxismo-leninismo na URSS e nos seus aliados europeus?

Este facto torna-se ainda mais difícil de explicar se tivermos em conta que, nas duas conferências em Moscovo, em 1957 e 1960, o revisionismo foi caracterizado de forma muito precisa e declarado como o perigo principal para o movimento comunista. Assim, escreve-se na Declaração da Conferência de 1957:

«O revisionismo moderno empenha-se em desacreditar o marxismo-leninismo, declara-o “envelhecido” e afirma que perdeu hoje o seu significado no desenvolvimento social.

Os revisionistas empenham-se em suprimir a alma revolucionária do marxismo e abalar a convicção da classe trabalhadora e do povo criador no socialismo. Combatem a necessidade histórica da revolução proletária e da ditadura do proletariado na transição do capitalismo para o socialismo, negam o papel dirigente do partido marxista-leninista, recusam os princípios do internacionalismo proletário, exigem a renúncia aos princípios básicos leninistas da construção do Partido, e principalmente ao centralismo democrático,

exigem que o partido comunista se transforme num género de clube de discussão e deixe de ser uma organização de luta revolucionária.»

Na Declaração final da Conferência de Moscovo de 1960 foi novamente sublinhado que o revisionismo representava o principal perigo para o movimento comunista e ajustaram-se contas, de forma aberta, com o revisionismo de Tito:

«Os partidos comunistas condenam unanimemente o oportunismo internacional de estilo jugoslavo, que representa uma expressão concentrada das “teorias” do revisionismo moderno. Os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, que traíram o marxismo-leninismo ao classificá-lo de envelhecido, contrapuseram à Declaração de 1957 o seu programa antileninista [o “Programa de Laibach” de 1958, K.G.], arrancaram o seu país do campo socialista, tornaram-no dependente da chamada ajuda dos americanos e de outros imperialistas e com isto colocaram o povo jugoslavo em perigo de perder as conquistas revolucionárias da sua luta heróica. Os revisionistas jugoslavos fazem um trabalho de sapa contra o campo socialista e o movimento comunista mundial. Sob o pretexto de uma política livre dos blocos desenvolvem uma acção que rompe a unidade de todas as forças e estados amantes da paz.

Continuar a desmascarar os dirigentes dos revisionistas jugoslavos e defender activamente o movimento comunista assim como o movimento dos trabalhadores contra as ideias antileninistas dos revisionistas jugoslavos é, hoje como antes, uma tarefa imprescindível dos partidos marxistas-leninistas.»

Esta exigência era mais do que justa, mas veio muito tarde. O que aqui (em 1960!) era exigido – o desmascaramento de Tito como revisionista e a defesa do movimento comunista contra as ideias antileninistas dos revisionistas jugoslavos – já tinha sido feito 12 anos antes pelos partidos comunistas do Bureau de Informação (PCUS, Partido dos Trabalhadores Polaco, Partido dos Trabalhadores Húngaro, PC da Checoslováquia, Partido dos Trabalhadores Búlgaro, PCF e PCI), na sua resolução de Junho de 1948, «Sobre a Situação no Partido Comunista da Jugoslávia».

Como foi então possível que, poucos anos mais tarde, o revisionismo se tivesse tornado no principal perigo do movimento comunista, colocando-se de novo a necessário de alertar contra o trabalho de sapa dos revisionistas jugoslavos? Isso é «mérito» de Khruchov, cujo papel será agora observado mais de perto.

2. Como Khruchov iniciou a destruição do poder soviético

Depois da morte de Stáline, em 5 de Março de 1953, uma das primeiras acções que estranhei de Khruchov, elevado a secretário-geral em Setembro de 1953, foi a de ter declarado falsa e ilícita a já referida denúncia do revisionismo de Tito pelos partidos comunistas do Bureau de Informação, tornando inócua esta posição que representava uma autêntica vacina, urgente e necessária, para todos os partidos comunistas contra a infecção com o revisionismo.

A 26 de Maio de 1955, Khruchov, chefiando a delegação soviética, declarou à sua chegada, no aeroporto de Belgrado:

«Caro camarada Tito! Lamentamos sinceramente o que aconteceu (...) Examinámos minuciosamente os materiais nos quais se basearam as pesadas acusações e ofensas que foram anteriormente levantadas contra o dirigente da Jugoslávia. Os factos mostram que esses materiais foram fabricados por inimigos do povo, infames agentes do imperialismo, que se infiltraram através da fraude nas fileiras do nosso Partido.»

Na altura, comentei no meu diário esta opinião de Khruchov da seguinte forma:

«Não foi publicada qualquer informação sobre quais são os documentos falsos. Apesar de uma situação destas ser totalmente improvável – a afirmação de que o movimento comunista mundial, com camaradas tão experientes como Stáline, Dimitrov, Togliatti, Thorez, etc., se deixou conduzir por um grupo de provocadores, fazendo uma avaliação completamente falsa da situação num país; que o movimento comunista, com o PCUS à

cabeça, não tem razão e ser Tito, pelo contrário, o homem que tem razão – apesar de não ser comprovada com nada, esta afirmação é suficiente para que muitos a aceitem como um facto e vejam de imediato em Tito o “caro camarada”, a quem aconteceu uma amarga injustiça.» (*Crónica dos Pés de Lã I*, p. 47 e Seg.)

Neste livro apresento mais factos que provam que o branqueamento de Tito por Khruchov constituiu uma enorme mentira. O mais espantoso é, porém, que o próprio Khruchov – sentindo a sua posição ameaçada na direcção do PCUS, após contra-revolução na Hungria co-encenada por Tito, em Outubro/Novembro de 1956, que obrigou o movimento comunista a reconhecer o revisionismo como o principal perigo para a existência do socialismo – não hesitou em arvorar-se como o primeiro lutador contra o revisionismo de Tito.

Como se o seu discurso no aeroporto nunca tivesse existido, Khruchov usou da palavra no VII Congresso do PC da Bulgária, em Julho de 1958, afirmando, entre outros, o seguinte:

«Os partidos comunistas defendem e preservam a unidade das suas fileiras como a sua menina de olho.» (Isto diz o homem que tudo fez para destruir esta unidade e, principalmente, para expulsar a República Popular da China da comunidade dos estados comunistas!) Mas, mais à frente acrescenta: «Conduzem uma luta implacável contra o revisionismo e o dogmatismo. Nesta luta o fogo principal dos partidos comunistas está apontado, naturalmente, contra os revisionistas enquanto emissários do campo imperialista (...) O revisionismo moderno é um género de cavalo de Tróia. Os revisionistas procuram desagregar por dentro os partidos revolucionários, minar a unidade e introduzir a confusão e o caos na ideologia marxista.» (Eis uma excelente autodescrição da sua missão e da sua actividade principal!)

Porém, isto ainda não é tudo. Na exposição seguinte ele próprio confessa que a reabilitação que fez de Tito em 1955 se baseou em mentiras:

«No ano de 1948, a Conferência do Bureau de Informação adoptou a Resolução “Sobre a Situação do PC da Jugoslávia” que continha uma crítica justa à actividade do PC da Jugoslávia numa série de questões de princípio. Esta resolução estava correcta no essencial e correspondia aos interesses do movimento revolucionário.» (ND, 5 de Junho de 1958).

Naturalmente que Khruchov já sabia isto em 1955 quando afirmou precisamente o contrário para promover a reabilitação de Tito.

Mas qual é a conclusão que se pode retirar se fizermos um raciocínio lógico?

Se um que se apresenta como comunista sabe que o outro, que também se apresenta como comunista, é na verdade um emissário do imperialismo, ou seja, é um agente imperialista, e se apesar disso lhe confere o atestado de comunista responsável, então torna-se um cúmplice do agente, ou seja, torna-se ele próprio um agente do imperialismo!

Pode pensar-se que isto, como disse num outro contexto o camarada Brar no seu livro, «até idiotas o podem reconhecer» (*Perestroika*, p. 146). Mas infelizmente não é assim. Muitas vezes, infelizmente, camaradas que eu admiro e cuja inteligência está completamente intacta, quando afirmo que «Krutchov é o Gorbatchov dos anos 50 e 60 e Gorbatchov o Khruchov dos anos 80 e 90», respondem-me que sim, que Gorbatchov foi um traidor, tiveste razão nisso. Mas Khruchov, isso é uma outra coisa. E mesmo quando lhes apresento outros exemplos de mentiras evidentes de Khruchov e manobras demagógicas, que provam inegavelmente que este homem abusou do seu lugar e do poder para servir os interesses do imperialismo e, sobretudo, para desorientar o Partido e o Povo – tudo isto ainda não lhes chega; manifestamente não lhes chega os factos que falam por si próprios. Nada os demove, nem provas factuais, da convicção de que, no fundo, Nikita tinha boas intenções. Não é possível convencê-los do trabalho nocivo consciente de Khruchov enquanto não lhes for apresentado um documento como prova, de preferência a declaração de recrutamento de agente da CIA, assinado pelo próprio.

Só vou referir aqui mais duas provas factuais. Através delas qualquer comunista, habituado a medir a credibilidade e seriedade de um dirigente do Partido pela honestidade

que revela perante os seus camaradas, poderá dizer: «Podes ser tudo, mas uma coisa não és de certeza, um comunista ou alguém a quem se possa confiar a direcção do Partido».

Primeiro exemplo: depois da condenação total de Stáline no XX Congresso do PCUS, o mesmo Khruchov, no seu discurso de aniversário da Revolução de Outubro, em 1957, cujas comemorações decorriam sob o signo da luta contra o revisionismo, o que o fazia sentir-se em perigo, fingiu que o seu «relatório secreto» nunca existiu, declarando:

«O Partido combateu e continuará a combater todos os que difamam Stáline e que, sob a bandeira da crítica ao culto da personalidade, falsificam e deformam a histórica acção do nosso Partido durante o período em que I.V. Stáline se encontrava na direcção do CC. Stáline, fiel marxista e leninista e revolucionário firme, ocupa um lugar honroso na história. O nosso Partido e o povo soviético recordar-se-ão de Stáline e prestar-lhe-ão justas honras.»

O que ele queria dizer com isto tornou-se evidente no XXII Congresso do PCUS, em 1961, quando não só repetiu as difamações por si feitas em 1956, mas também decidiu expulsar os colaboradores mais próximos de Stáline, Molotov e Lazar Kaganovitch, declarando-os «inimigos do Partido».

Segundo exemplo: a dissolução do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e dos Trabalhadores².

Numa conferência de imprensa em Nova Deli, em 14 de Dezembro de 1955, o antigo primeiro-ministro soviético, Bulganin, afirmou:

«Por vezes é-nos colocada a questão sobre se não se poderia, de alguma maneira, extinguir o “Kominform”. Mas por que razões deveriam os comunistas e os partidos de abdicar de uma forma em geral válida de comunicação internacional e acção conjunta? (...) A actividade da nossa organização inquieta todos os que desejam que o velho e obsoleto sistema de exploração do homem pelo homem se torne numa aparição permanente.»

Poucos dias depois, em 29 de Dezembro de 1955, o próprio Khruchov abordou o mesmo tema perante o Soviete Supremo:

«Jornalistas estrangeiros na Índia perguntaram-nos frequentemente: “Porque não dissolvem o Kominform?”. Respondemos: “Porque não propõem a dissolução da Internacional Socialista?”. (...) Naturalmente que aos adversários do comunismo não agrada o Kominform.» (*Crónica dos Pés de Lã I*, pág. 92).

Os que estavam inquietos com a actividade do Bureau de Informação apresentaram energicamente a Khruchov a exigência da sua dissolução, através de jornalistas ocidentais no final de 1955.

E o que aconteceu, apesar da recusa convincente desta exigência por Bulganin e Khruchov? Na terça-feira, 17 de Agosto de 1956, foi publicado pela última vez o jornal do Bureau de Informação, *Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular*, com a «Comunicação sobre a suspensão da actividade do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e dos Trabalhadores». Como justificação foram evocadas as «modificações na situação internacional». Contudo, entre Dezembro de 1955 e Abril de 1956, um só acontecimento modificara a situação internacional de forma imprevisível: o XX Congresso do PCUS. E essa modificação fazia com que – como assinalei no meu diário – «um órgão de contacto dos partidos comunistas e dos trabalhadores nunca foi tão necessário como agora!» (*Crónica dos Pés de Lã I*, pág. 91). Mas foi exactamente esta a razão da sua dissolução pela direcção de Khruchov.

Khruchov escolheu o XX Congresso do PCUS para iniciar o ataque geral ao sistema socialista criado por Lénine e Stáline e aos princípios fundamentais marxistas-leninistas do movimento comunista mundial. Para obrigar os países socialistas europeus a obedecer sem contestação à mudança radical de curso, iria utilizar a sua real dependência económica, política e militar da URSS. Mas para isso era preciso pôr fim a um órgão onde todos os partidos eram iguais por princípio e as grandes decisões eram tomadas colectivamente; era

² Informbureau, também designado Kominform (nota do editor)

preciso também abolir o princípio dominante neste órgão que vinculava todos os partidos do movimento comunista a prestar contas perante o movimento no seu conjunto. A partir de agora passaria a vigorar a nova regra, segundo a qual o que foi decidido em Moscovo é válido para todos, com excepção de Tito e mais tarde de outros revisionistas como Gomulka e Kadar. Para eles – e só para eles! – aplica-se a «Declaração de Belgrado», assinada por Tito e Khruchov em 2 de Junho de 1955, que legitimava o «comunismo-nacional» como princípio «marxista-leninista»:

«Ambos os governos partem dos seguintes princípios: respeito mútuo e não ingerência nos assuntos internos, seja por razões económicas, políticas, ideológicas ou outras, reconhecendo que as questões da organização interna, da diferença nos sistemas sociais e nas formas concretas do desenvolvimento do socialismo são assuntos exclusivos dos povos dos respectivos países.» (*Manual dos Acordos*, Berlim, 1968, p.606 e Seg.)

3. Objectivos e consequências do XX Congresso do PCUS

A recusa de alguns camaradas em admitir que Khruchov, tal como Gorbatchov, tinha como objectivo minar a ordem socialista no país torna-se ainda mais incrível porquanto continuam a ver nele o salvador do socialismo precisamente na sequência de um congresso que, na verdade, constituiu a base principal que permitiu a Gorbatchov terminar com êxito a obra de destruição ali iniciada.

Ninguém menos do que Robert Steigerwald, teórico proeminente do Partido Comunista Alemão (DKP) e desde há algum tempo presidente da Fundação Marx-Engels, num artigo de página publicado no órgão central *Unsere Zeit (Nosso Tempo)*, em 9 de Fevereiro de 2001, para assinalar os 45 anos do XX Congresso, afirma logo de entrada:

«O XX Congresso do PCUS pôs termo ao sistema de graves violações da legalidade e dos ideais socialistas que se formou na URSS no final dos anos vinte.»

Esta é igualmente a perspectiva não só da maioria dos cidadãos dos ex-países socialistas – já para não falar dos cidadãos dos outros países – mas também da maioria dos comunistas deste e seguramente de muitos outros países. E não é de espantar. Os que contrapõem a esta falsificação da história a verdade sobre Khruchov e o seu bando não são mais do que uma voz fraca a clamar, abafada pelo constante ribombar das ondas do mar dos *media* burgueses e revisionistas. Mas continuamos a clamar na certeza de que muitas verdades que acabaram por se impor começaram por ser longamente recusadas.

Neste círculo não tenho de provar pormenorizadamente que o XX Congresso constituiu o ponto de viragem na história do PCUS que transformou este partido marxista-leninista maduro no centro dirigente do revisionismo moderno. Isto aconteceu não só devido à reescrita revisionista da sua própria história, mas também por força da substituição da teoria e praxis marxista-leninista por uma perspectiva revisionista em todas as áreas – partido, estado, economia, política interna e externa, ciência e cultura.

E não é por acaso que tudo isto está relacionado com o XX Congresso, principalmente com o «relatório secreto» de Khruchov, com o seu «ajustar de contas» com Stáline. No entanto, muito poucos saberão que Khruchov impôs de forma golpista este seu discurso ao Congresso, já depois de os seus trabalhos estarem formalmente encerrados.

Só tive a confirmação disto passados 45 anos, quando li as memórias de Lazar Kaganovitch, onde descreve de forma muito clara o modo como Khruchov violou o Congresso.

«O XX Congresso aproximava-se do seu fim. De repente, fez-se uma pausa. Os membros do *Presidium* são chamados aos aposentos traseiros que serviam para descansar. Khruchov coloca a questão de ler no Congresso o seu relatório sobre o culto da personalidade de Stáline e as suas consequências. Em simultâneo é-nos distribuído o projecto de relatório num livrinho encadernado a vermelho impresso em tipografia. A reunião decorria em circunstâncias anormais – estávamos apertados, alguns sentados, outros em pé. Era difícil ler em pouco tempo aquele caderno volumoso e reflectir sobre o seu conteúdo para se poder

tomar uma resolução de acordo com as normas da democracia interna partidária. Tudo isto em meia hora, uma vez que a ordem de trabalhos do Congresso já estava concluída e os delegados permaneciam sentados na sala à espera de algo que desconheciam.

Já antes do XX Congresso, o *Presidium* tinha abordado a questão das repressões ilegais e dos erros cometidos. O *Presidium* do CC tinha constituído uma Comissão para investigar os processos dos reprimidos (...) e formular propostas concretas. Estava previsto, após o XX Congresso, convocar um plenário do CC para ouvir o relatório da Comissão e as respectivas propostas. Foi exactamente sobre isto que intervieram os camaradas Kaganovitch, Molotov, Vorochilov e outros para justificar as suas objecções. Além disso, os camaradas frisaram que, simplesmente, não tínhamos condições para trabalhar a redacção do relatório (de Khruchov) e incluir nele correcções absolutamente necessárias. Dissemos que mesmo a leitura superficial que tínhamos ali feito mostrava que o documento continha falsidades e era unilateral. A acção de Stáline não podia, de maneira nenhuma, ser analisada apenas de um lado, era necessário um esclarecimento objectivo das suas facetas positivas para que os trabalhadores percebessem e pudessem responder às especulações dos inimigos do nosso Partido e do nosso país.

A reunião prolongava-se, os delegados (na sala) davam sinais de impaciência, por isso terminámos sem nenhuma votação e voltámos à sala. Foi então anunciado como aditamento à Ordem de Trabalhos a leitura do relatório de Khruchov sobre o culto da personalidade de Stáline. Depois do relatório não houve nenhuma discussão, o Congresso terminou o seu trabalho.» (Laza Kaganovitch, *Pamiatnie Zapiski, Vagrius*, Moskva 1996, S. 508 f., tradução K.G., citado em *Crónica dos Pés de Lã I*, 18)

Pouco conhecido é também o facto de este relatório não ter sido publicado na URSS, nem no tempo de Khruchov, nem no de Brejnev. O Partido recusou reconhecê-lo como um documento oficial. Também Khruchov, durante o seu período no poder, nunca se assumiu como autor do relatório. Contudo, pouco tempo depois do XX Congresso foi publicado em primeira-mão pelo *New York Times*.

Em 14 de Maio de 1957, numa entrevista a Khruchov, o correspondente do *NYT*, Turner Catledge, colocou-lhe a seguinte questão:

«Como provavelmente sabe, o jornal *NYT* publicou no ano passado o texto do seu relatório ao XX Congresso, em que critica os excessos do período estalinista. Considera que a versão do texto seu relatório publicada no Ocidente foi truncada ou até deturpada?»

E como respondeu Khruchov a esta questão?

«Não sei de que texto fala. Ouvi dizer que tinha sido publicado um texto nos EUA fabricado pelos serviços secretos americanos e apresentado como sendo o meu relatório ao XX Congresso. Todavia, as publicações de Allan Dulles não têm prestígio algum na URSS. E eu não tenho nenhum desejo de ler literatura fabricada por Allan Dulles.» (*Crónica dos Pés de Lã I*, p. 300)

Pode ver-se nesta resposta de Khruchov uma indicação indirecta ao local onde o relatório terá sido produzido e, se não aos seus verdadeiros autores, pelo menos àqueles que terão apresentado a proposta e colaborado como ajudantes e peritos na sua elaboração, utilizando depois o respectivo aparelho para assegurar a divulgação mundial do documento, de acordo com os seus interesses.

No ocidente as acusações contra Stáline contidas no relatório não eram nada de novo. Há anos que eram amplamente divulgadas imprensa burguesa e social-democrata e pelos trotskistas. Enquanto foi esta a sua origem, os comunistas de todo o mundo viam nelas apenas a confirmação de que a URSS se encontrava no caminho certo, pois que outra razão poderia explicar tal feroz perseguição movida pelos imperialistas e a sua corja? Novo e sensacional foi, porém, que, desta vez, estas acusações não vinham desse lado, mas sim do sucessor de Stáline na direcção do PCUS, que agora asseverava como verdade todas as mentiras da propaganda divulgadas durante anos a fio pelos anticomunistas unidos do Ocidente.

O efeito nos partidos comunistas foi devastador. Os seus dirigentes mais experimentados, que naturalmente tinham tido uma estreita relação de confiança com a direcção do PCUS e com Stáline, foram, de um dia para o outro, acusados de terem acompanhado com um criminoso e de terem educado o próprio partido como sequaz dessa tenebrosa figura.

Quem até aí estava profundamente convicto na justeza da linha política do próprio partido e da URSS foi lançado na horrível dúvida e na insegurança; para muitos, depois de difíceis lutas consigo próprios, foi exactamente a sua profunda confiança na URSS que os decidiu a aceitarem o retrato de Stáline tal como o seu sucessor o apresentou. Mas os que já antes consideravam a rigorosa disciplina do Partido e a luta pela pureza e unidade como grilhetas incómodas e uma restrição à própria personalidade, esses acolheram o «ajuste de contas» de Khruchov com Stáline como uma espécie de libertação. Eu próprio constatei isto, à época, nas minhas relações e registei-o no meu diário:

«O sentimento de rejeição e até mesmo de aversão que muito comunistas, já para não falar das outras pessoas, experimentam em relação ao nome de Stáline é uma decorrência do XX Congresso. A desorientação que a introdução de uma falsa frente de luta – luta contra os stalinistas – provocou no movimento comunista não teria sido possível sem o precedente do XX Congresso e a forma como foi conduzida a luta contra o culto da personalidade!

É digno de registo o facto de partidos que alcançaram uma base de massas no seu próprio povo (PC da China, PCF, PCI) apresentarem as proporções dos êxitos e erros de Stáline exactamente ao contrário das apresentadas no XX Congresso». (*Crónica dos Pés de Lã I*, p. 61)

«Para além disso, o relatório encorajou a aparição súbita de elementos trotskistas em inúmeros partidos, em especial depois dos acontecimentos da Hungria mas também já antes, cuja acção era orientada contra os dirigentes que estavam nas direcções desde o período de Stáline.

Especialmente perigosas e fatais foram as consequências na juventude – falo da juventude progressista – educada a ver em Stáline a encarnação do que de melhor havia num revolucionário e que por isso o amava e respeitava de todo o coração, como só a juventude pode amar e respeitar.

O relatório de Khruchov assestou-lhe um golpe demolidor. Muitos deles tinham assistido à experiência do nazismo, no qual muitos jovens também acreditaram como ideal até se revelar a mentira, a hipocrisia e os crimes em que assentara. Agora era-lhes dito que, mais uma vez, tinha tido respeito e admiração por algo de indigno. Tinham de se sentir enganados; sentiram-se enganados, desorientados, escarnecidos. A reacção foi inevitável: não acreditar em mais nada, não confiar em mais ninguém, desconfiar de tudo o que aparece com a pretensão à verdade absoluta!

Perderam a confiança não só em Stáline, mas também nos dirigentes que os tinham ensinado a ver nele um exemplo. E isto foi o pior: o relatório desbaratou a confiança da juventude, empurrou-a para uma oposição amarga contra o Partido e os seus dirigentes, levou-a a procurar a verdade no que o inimigo afirma, constatando que se tivessem ouvido mais cedo o que ele dizia há muito anos, e que Khruchov agora confirmava, teriam evitado esta desilusão. Não haverá uma segunda vez!

Perda de sensibilidade para distinguir quem é inimigo e quem é amigo; desvio para o cinismo e cepticismo negativo – foi este o chão preparado e esta a situação que empurrou a juventude na Polónia e na Hungria para os braços dos demagogos e a orientou contra o Partido.

Consequências na intelectualidade. Foi parecido com a juventude. Os erros mais grosseiros foram cometidos contra a intelectualidade. A luta necessária contra o individualismo, o exibicionismo, a tendência anarco-pequeno-burguesa foi conduzida com métodos de «lição» dogmática, de dominação, através da restrição da criação individual e manifestando claramente desconfiança contra todos os que “saíam fora do vulgar”.

A atmosfera inicial era aqui a oposta à da juventude – havia uma já longa irritação acumulada sobre tudo isto. A reacção ao relatório teve exactamente por isso que ser parecida. Para a intelectualidade foi a confirmação de que tinha razão, o partido tinha sido injusto para com ela, o partido não tinha nada que se preocupar com a nossa criação, não tem que nos ditar regras, não percebe nada disso. A pressão tinha sido enorme, agora era o momento de gritar todo o ressentimento acumulado e arrumar de vez com os erros do passado, para que nunca, mas nunca mais pudessem ressurgir. Este “ajuste de contas” tão radical e definitivo quanto possível tornou-se a preocupação principal, não vendo que a tarefa central continuava a ser a mesma de sempre: proteger e defender do inimigo sempre à espreita tudo o que tínhamos conseguido pela primeira vez na Alemanha, Hungria, Polónia e que, apesar de todas as deficiências, era imenso. O Partido disse-o, mas muitos não acreditaram, desconfiando que disfarçava assim o desejo de não quer corrigir verdadeiramente os erros do passado. Não acreditavam também porque depois do relatório de Khruchov a sua confiança no Partido tinha sido abalada. E assim muitos intelectuais honestos colocaram-se na frente errada, como se viu na Hungria.

Mais consequências: grandes danos na autoridade do PCUS. Muito naturalmente impôs-se a seguinte reflexão: um Partido que tolerou um tal homem na sua direcção durante dezenas de anos, de acordo com a caracterização de Khruchov, um Partido que foi incapaz de libertar dele em tempo útil não pode continuar a ser considerado como até aqui. Assim, o relatório também preparou o terreno para o clima anti-soviético, abrindo campo às soluções dos chamados comunistas-nacionais. Não é por acaso que estes evocam o XX Congresso. Eles sabem o que lhe devem!

Este relatório provocou e reforçou a hostilidade contra o aparelho do Partido e contra o aparelho de Estado. As teorias segundo as quais era “o aparelho” (e não porventura as condições históricas) que tinha sido a fonte do florescimento do culto da personalidade, encontraram grande aceitação. A solução da “democratização” tornou-se rapidamente para muitos equivalente a lutar contra “o aparelho”, que passou a ser visto como o inimigo, o adversário que tinha de ser abatido.

Sem o relatório de Khruchov todas estas coisas em conjunto, que sem dúvida criaram uma situação favorável para o avanço da contra-revolução, nunca teriam encontrado condições tão favoráveis ao seu desenvolvimento e a luta contra elas nunca seria tão difícil.

Para além disso houve ainda outra consequência: ocorreu uma desmobilização ideológica e política sob o pretexto de que a vigilância exagerada conduziu à condenação de milhares de bons comunistas inocentes. Este enfraquecimento foi muito reforçado com a declaração de vários partidos de que os processos contra Rajk [Hungria] e Kostov [Bulgária] tinham sido errados, ou seja, que houve pessoas condenadas como agentes sem o serem. Consequência lógica: não queremos repetir os erros que conduziram a injustiças contra pessoas inocentes e até mesmo ao seu fuzilamento. Por isso, acabou-se com o receio de agentes infiltrados e deixámos de os cheirar em toda a parte! Resultado: em Outubro de 1956 o inimigo mostrou que estava cá dentro como antes, que existem agentes do inimigo nas nossas próprias fileiras e que, também graças à nossa credulidade, puderam tornar-se tão activos.» (*Crónica dos Pés de Lã, I*, p. 65-66)

Nos que, de uma ou outra forma, se tornaram vítimas do XX Congresso, mas que se consideram não como vítimas mas libertados por ele, incluiu-se também o camarada Robert Steigerwald. No seu já citado artigo sobre o XX Congresso, escreve contra pessoas como o camarada Brar e eu:

«Faz-se a acusação de que o XX Congresso foi um acto da contra-revolução, realizado pelas forças revisionistas, a quem lhes interessava a destruição do Partido glorioso, marcado por Stáline. Esta argumentação embate nas suas contradições internas. Se foi possível que no espaço de três anos (tinham passado três anos depois da morte de Stáline) um tal Partido tenha podido ser assaltado por contra-revolucionários, então este Partido já não era antes o que os seus defensores consideravam que era. Então, o processo de degradação do Partido não se iniciou só em 1956. Ou então, isso seria o outro lado da

contradição, o XX Congresso, ainda que tenha sido uma radical mudança, não foi, justamente, um acto da contra-revolução.»

O camarada Steigerwald decididamente simplifica. Não dizemos que às forças revisionistas interessava destruir o Partido, mas sim que o seu objectivo era controlá-lo, para o transformar num instrumento da restauração do capitalismo. Conseguiram-no por fim, mas a ordem socialista construída por Lénine e Stáline, em 36 anos, era tão estável, que Khruchov e Gorbatchov tiveram de se esforçar 37 anos para acabar com ela.

Isto porque, em primeiro lugar, esta ordem socialista se encontrava profundamente enraizada nas massas e todos os chefes do revisionismo – Khruchov, Brejnev e Gorbatchov – só puderam ganhar a confiança das massas por um determinado tempo porque declararam solenemente a sua fidelidade ao leninismo e prometiam conduzir a ordem socialista a um nível nunca visto. Nenhum deles teria conseguido atingir sequer o degrau mais baixo do poder, se tivesse dito abertamente que o seu objectivo era a reconstrução do capitalismo. Enganaram as massas ao dar ao seu objectivo – o regresso do capitalismo – o nome de «renovação da economia de mercado socialista».

Em segundo lugar porque o bando revisionista não conseguiu submeter totalmente o Partido à sua vontade. Até ao seu derrube, em Outubro de 1964, Khruchov conduziu uma luta permanente, quase invisível de fora, contra a resistência das restantes forças marxistas-leninistas. E Gorbatchov utilizou o Partido primeiro para conseguir controlar o aparelho de Estado, e depois, a partir daí, desalojá-lo do poder. Na sua famosa entrevista à *Spiegel* (n.º 3/93, p. 127) gaba-se disto, afirmando:

«Nessa altura não se podia anunciar coisas para que o povo ainda não estava maduro. Ter-me-iam declarado maluco, o povo dividir-se-ia, podia chegar-se à guerra civil. Era preciso revelar paciência até que a burocracia do Partido ficasse tão privada de poder que já não podia mais fazer a roda da História andar para trás.»

E finalmente, também porque no movimento comunista mundial forças poderosas, na sua vanguarda o Partido de Mao Tse Tung, conduziram uma luta exasperada contra o revisionismo no movimento comunista.

Mas tudo isto está fora do campo de visão dos defensores de Khruchov e do XX Congresso.

4. Dois pontos principais, através dos quais os revisionistas conseguiram a sua base de apoio e impuseram a mentira histórica com a qual paralisaram o movimento comunista

O reportório demagógico da sedução e engano das massas dos revisionistas é extenso e variado. Só refiro os pontos que me parecem ter sido os mais eficazes e fatais. Primeiro, o facto de terem partido da vontade de paz: a chamada política de desanuviamento. Segundo, a promessa de uma rápida elevação do bem-estar do povo. Terceiro, a diabolização de Stáline, a mentira histórica paralisadora.

Sobre o primeiro ponto: nos povos envolvidos na guerra, e em especial no soviético, nenhum sentimento podia ser mais forte do que o elementar desejo de paz. Isto, que já era natural depois da guerra mais sangrenta e prejudicial de todas as guerras, foi reforçado por uma circunstância completamente nova e grave: a entrada da Humanidade na era atómica! Guerra significava agora a ameaça de um inferno atómico, como o que as bombas norte-americanas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki tinham provocado. O receio da guerra nas pessoas atingiu um nível até aí desconhecido. Depois de a URSS ter quebrado o monopólio norte-americano das armas atómicas, as pessoas puderam de novo dormir mais descansadas. A pressão atómica como arma do imperialismo americano contra o socialismo perdera força.

O bando de Khruchov chegado ao poder renovou esta ameaça, em cumplicidade com os imperialistas americanos. Numa encenação combinada com os seus parceiros imperialistas, foram provocadas várias situações de agravamento extremo das tensões políticas, de que

são exemplo as crises de Berlim e a de Cuba. O perigo de uma guerra atômica ressurgiu pintado com cores horrorosas. Ainda hoje jornalistas e historiadores, ao relatarem estas crises, escrevem que o mundo se encontrou nessa época à beira de uma guerra atômica.

Na verdade ninguém na Casa Branca ou no Pentágono pensava em conduzir uma guerra atômica contra a URSS, enquanto na sua direcção se mantivesse alguém que jogasse o seu jogo. Pelo menos desde o XX Congresso tinham apostado na destruição interna da URSS e da sua área de influência. Nenhum outro que o ministro dos Negócios Estrangeiros dos EUA, John Foster Dulles, num discurso proferido em 11 de Julho de 1956, manifestou a esperança de que as coisas evoluíram do seguinte modo:

«Dulles considera possível uma libertação dos estados satélites. Dulles prevê que forças da liberdade que agora estão em actividade por detrás da Cortina de Ferro, se tornarão irresistíveis e que poderão mudar a cena internacional até ao ano de 1965. A campanha anti-Stáline e a liberalização do seu programa provocaram uma reacção em cadeia, que a longo prazo é imparável.» (*Crónica dos Pés de Lã, I*, p. 100 e seg.)

Quem apostava numa tal reacção em cadeia não podia pensar seriamente em libertar uma reacção atômica com todos os seus riscos inerentes. Para que foi então necessário o atizar do medo da guerra atômica? Khruchov tinha pelo menos dois objectivos em mente que conseguiu concretizar.

Primeiro, amolecer a convicção anti-imperialista no movimento comunista e na própria população através da afirmação de que o perigo da guerra atômica só podia ser afastado através de esforços conjuntos com os EUA. O imperialismo norte-americano não podia ser visto apenas como o adversário já que era um parceiro insubstituível na política de desanuviamento que garantiria a paz.

Segundo, desenvolver a chamada «diplomacia de cimeira», com exclusão do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na qual se apresentava e se deixava festejar como um incansável salvador da paz. Na verdade, sob o pretexto de que se tratava de uma necessidade para eliminar o perigo de guerra atômica, esta foi apenas uma forma de manter reuniões secretas com os parceiros imperialistas, escapando ao controlo colectivo da direcção do Partido, um regresso à diplomacia secreta incontrolável.

Sobre o segundo ponto: depois dos duros anos de guerra com as suas numerosas vítimas e privações, as pessoas na URSS queriam não só a paz, mas também um restabelecimento rápido de condições normais; e esperavam também, cheios de razão, como resultado da vitória uma aumento significativo do seu nível de vida.

A reconstrução do pós-guerra trouxe grandes êxitos nos primeiros anos, mas as condições de vida, naturalmente, deixavam ainda muito a desejar. A direcção de Khruchov usou esta situação de forma verdadeiramente pernicioso: despertou esperanças irrealizáveis com a promessa de colocar, diferentemente de Stáline, as necessidades de consumo do povo em primeiro lugar e melhorar rapidamente a situação de abastecimento. Para tanto anunciou um programa nocivo através do qual a prioridade do desenvolvimento da indústria de produção de meios de produção – condição necessária ao crescimento estável do conjunto da economia – era transferida para a indústria ligeira, e o peso relativo dos dois sectores quase que chegou a ser invertido.

Forçosamente esta alteração teria de causar a longo prazo dificuldades de abastecimento em todas as áreas, o que criaria também uma crescente insatisfação na população, como de resto se verificou.

Khruchov e os seus especialistas conheciam naturalmente as consequências desta política quando a planearam. Quem quer destruir o socialismo e restaurar o capitalismo tem de se assegurar que o socialismo perderá o apoio das massas, dando lugar à insatisfação crescente com as condições existentes num ambiente social em que todos digam: isto não pode continuar assim!

Portanto, não foi por incapacidade dos dirigentes que a política económica revisionista conduziu à decadência da economia, mas sim porque foi ela planeada e aplicada

exactamente com o objectivo político de subjugar o sistema socialista e liquidá-lo, levando a economia à ruína.

Os Khruchov, Brejnev e Gorbachov não trataram só de levar à decadência a economia do seu próprio país, mas fizeram tudo o que puderam – e foi imenso! – para lançar numa profunda de crise a economia de todos os outros países socialistas, com excepção daqueles, cujos respectivos chefes revisionistas – como na Hungria e Polónia – o fizeram pelas suas próprias mãos.

Finalmente sobre o terceiro ponto: As «revelações» dos «crimes estalinistas». Sobre isto tinha de se falar muito e mais pormenorizadamente, mas o meu tempo está quase no fim. Por isso só algumas reflexões e constatações.

A contra-revolução revisionista ter-se-ia afundado logo de início se não tivesse sido destruída a autoridade quase ilimitada que Stáline possuía quer no povo soviético e em todos os partidos comunistas, quer até em círculos da burguesia em todo o mundo, que viam justamente no dirigente soviético o libertador do fascismo.

Stáline tinha por isso de ser transformado num diabo para que os seus ensinamentos e acções não pudessem servir de comparação para avaliar os seus sucessores. E estes ensinamentos e acções eram marxismo-leninismo na prática e consciência viva das pessoas, capazes de reagirem e resistirem a qualquer desvio notório.

Mas porque se queria deitar fora o marxismo-leninismo para abrir caminho ao novo curso revisionista, o marxismo-leninismo personificado em Stáline não foi só deitado fora como também teve de ser declarado como o seu contrário, como antimarxista-leninista. Pois o Povo não queria nenhuma mudança de curso, queria conservar Marx e Lénine e o socialismo.

Por isso, era fundamental que o Povo não se apercebesse do que realmente representava a mudança de curso. Era preciso apresentá-la como o regresso ao verdadeiro curso leninista, depois do desvio stalinista.

Com esse fito, Khruchov, no seu relatório secreto, trouxe de novo à baila a velha história da carta de Lénine ao Congresso, vulgarmente conhecida como «testamento», que Trotski já tinha tentado utilizar sem êxito para derrubar Stáline, depois da morte de Lénine, e colocar-se a si próprio na direcção do Partido como sucessor do líder.

Porém o golpe mais profundo de Khruchov, um verdadeiro crime para o partido e poder soviético, foi ter pintado no seu relatório, no mais nítido contraste com Lénine, a imagem de Stáline como um déspota arbitrário e sanguinário.

Fê-lo não através da revelação de novos factos verdadeiros sobre vítimas inocentes das «depurações» dos anos 1936-39, mas sim mediante uma monstruosa falsificação da história da URSS. Fê-lo também, mas não unicamente, porque atribuiu a Stáline e à sua arbitrariedade pessoal a responsabilidade exclusiva pelos processos e «depurações» que foram decididos e aprovados pelo conjunto da direcção do Partido.

Se o objectivo de Khruchov não fosse destruir definitivamente a autoridade de Stáline para não ser constantemente comparado a ele e para ter o caminho livre para a sua mudança de curso contra-revolucionária; e se não estivesse também nos seus objectivos desferir um golpe mortal na convicção dos cidadãos soviéticos na justiça da sua causa e no orgulho do seu poder soviético; se ele tivesse realmente só a intenção de fazer justiça às vítimas inocentes da «depuração» e apresentar a verdade histórica sobre o período das repressões, então teria de ter dito no seu relatório o seguinte:

«Em 1936, depois da implantação da ditadura fascista na Alemanha, depois do rearmamento da Alemanha fascista com a tolerância e até ajuda das potências ocidentais, depois da traição das potências ocidentais à República Espanhola, encontrávamo-nos perante o perigo de sermos invadidos pela Alemanha fascista – possivelmente até com o acordo das potências ocidentais – e de nos vermos sós perante o poder militar mais poderoso de toda a história da guerra, que dispunha de um «quinta coluna» de traidores e colaboradores que ajudavam o exército fascista na retaguarda dos países assaltados, como

já sabíamos da guerra de Espanha e que mais tarde se viria a repetir na Noruega e na França.

O Acordo de Munique, a entrega da Checoslováquia a Hitler e recusa das potências ocidentais em fazerem um acordo conosco sobre segurança colectiva e ajuda mútua contra a Alemanha de Hitler são factos que demonstraram a que ponto era grande o perigo de invasão. A nossa preparação para o assalto fascista tinha por isso que incluir também a eliminação da possibilidade da formação de uma «quinta coluna» no nosso interior. Havia e ainda há entre nós inimigos da URSS, *kulakes* por nós expropriados e seus descendentes, restos dos grupos de trotskistas e outros grupos oposicionistas vencidos – Trotski tinha apelado repetidamente nas suas publicações à sublevação contra o «stalinismo» em caso de guerra; além disso alguns grupos da população simpatizavam com os alemães, por exemplo, os alemães do Volga ou nacionalidades como os tártaros da Crimeia ou os tchechenos.

Ou seja, perante a ameaça mortal, tínhamos de fazer tudo para tornar impossível aos inimigos do poder soviético apoiarem o assalto fascista em quintas colunas no interior.

Tínhamos de prever e aceitar como inevitável que, em depurações de tão grande dimensão como as que considerávamos necessárias, não era de excluir que também inocentes – seja por causa de falsas acusações intencionais de elementos inimigos, seja por excesso de zelo dos órgãos locais, seja pela utilização de uma quadrícula demasiado genérica – seriam atingidos em número considerável pelas medidas, como veio a acontecer.

Mas nessa época tivemos de avaliar o que era mais importante: se não tomássemos medidas de segurança o poder soviético sucumbia, se as tomássemos corríamos o risco de atingir não só os verdadeiros inimigos, mas até gente nossa. O Partido decidiu-se pela obrigação de proteger o poder soviético, colocando-a acima de todas as outras obrigações.

Agora, porém, é chegado o tempo de esclarecer e reparar as injustiças cometidas.»

Assim ou algo de parecido teria sido uma honesta posição comunista sobre o lado mais doloroso da história da URSS.

Um apontar de culpa comunista, isto é com verdade, seria falar claramente destas vítimas inocentes, do seu sofrimento e morte, assim como dos 25 milhões de soldados e civis soviéticos e dos 50 milhões de pessoas que morreram na II Guerra Mundial, da responsabilidade dos que colocaram a direcção soviética perante uma decisão tão cruel – da responsabilidade de Hitler e do imperialismo alemão, em primeiro lugar e, em segundo, dos que rearmaram a Alemanha de Hitler para a dirigir como ponta de lança contra a URSS, fazendo fracassar a possibilidade de uma aliança de segurança colectiva.

Todavia, em vez de agir deste modo, a direcção do PCUS optou por considerar Stáline como um assassino de massas, assumindo assim as mentiras da propaganda anti-soviética, até aí só divulgadas pelos *media* ocidentais, cozinhadas pelos especialistas imperialistas em condução de guerra psicológica.

É esta a razão de, ainda hoje, comunistas honestos e convictos reproduzirem sem reflectir a difamação venenosa de que Stáline matou mais comunistas do que Hitler.

A verdade é que todos os comunistas, todos os lutadores contra o fascismo e todos os judeus que sobreviveram na Europa ocupada pelo fascismo o devem, em primeiro lugar, à URSS, ao Exército Vermelho e assim também a Stáline.

5. Algumas notas finais

1. A vitória do revisionismo sobre o marxismo-leninismo no PCUS e noutros partidos comunistas foi a condição prévia para a vitória temporária do imperialismo e da restauração do capitalismo na URSS e noutros estados socialistas na Europa.

A superação do revisionismo no conjunto do movimento comunista é a condição prévia para novo desenvolvimento e novas vitórias do socialismo sobre o imperialismo.

2. O anti-stalinismo dos revisionistas que minaram e destruíram os estados socialistas, de Tito a Gorbachov passando por Khruchov, é a prova mais poderosa a favor de Stáline. Não há prova mais poderosa do papel positivo de Stáline do que o facto de a destruição da

sua autoridade na URSS e no movimento comunista ter sido a condição prévia para a restauração do capitalismo na URSS.

Sem «desestalinização», não teria havido restauração do capitalismo!

3. O anti-stalinismo é o revisionismo comprimido, ou seja, é antileninismo embora com a máscara de defensor do leninismo. Para os revisionistas do calibre de Tito-Krutchov-Gorbatchov o ataque a Stáline é só o começo. A sua mira está desde o início apontada contra Lénine. Não surpreende pois que Iakovlev, discípulo de Khruchov e conselheiro de Gorbatchov, na sua autobiografia, dirija mais a sua orgia de ódio contra Lénine do que Stáline. O *FAZ* [*Frankfurter Allgemeine Zeitung*], de 26 de Janeiro de 2004, cita do seu livro (*Os Abismos do Meu Século*), a seguinte passagem: «Na história não existiu ninguém que mais odiasse a Rússia do que Ulianov Lénine. Tudo o que ele tocasse transformava-se num cemitério, num enorme campo com sepulturas humanas, sociais e económicas. Todos eram roubados – os vivos e os mortos.» Com alguma admiração, o *FAZ* constatava que Iakovlev ensina a todos os que tinham a opinião de que Stáline, e não Lénine, fora o verdadeiro monstro do poder soviético, que afinal «a história do stalinismo no fundo não mostra nada de novo». Na recensão sobre o livro de Iakovlev, no *Neuen Deutschland* (28.1.04) o mesmo assunto é assim tratado: «De acordo com Iakovlev não existiu nenhuma ruptura estratégica entre o período da concepção da revolução baseada no mundo revolucionário internacional de V.I. Lénine e a praxis stalinista de um socialismo nacional.»

Os anti-stalinistas mais consequentes confirmam assim, numa forma desfigurada e difamatória, a correcção da constatação do excepcional escritor francês e comunista, Henri Barbusse: «Stalin – ele é o Lénine dos nossos dias!» (Henri Barbusse: *Stáline – Um Novo Mundo, Rotfront Reprint*, Berlim, 1996, pág. 279).

4. Os 50 anos da morte de Stáline (5 de Março de 2003) foram comemorados pelos *media* imperialistas com um carregamento concentrado de artigos e séries sobre «o assassino do século», que ultrapassou tudo – algo que se considerava impossível – o que já fora feito de propaganda contra ele.

Como se pode explicar esta orgia de propaganda anti-Stáline que colocou largamente na sombra tudo o que foi oferecido até agora neste campo?

Só há uma resposta: os vencedores de ontem não estão seguros da duração da sua vitória, têm medo! Sim, têm medo da influência de um Stáline morto há meio século nos vivos de hoje! Assustam-se quando vêem que cada vez mais pessoas na Rússia e nos restantes estados da antiga URSS levam fotos de Stáline para as manifestações. Receiam que os vencidos de ontem possam ser os vencedores de amanhã e depois de amanhã. Este medo também persegue de forma evidente Iakovlev. Que outra razão teria ele para, como se pode ler no *Neuen Deutschland*, lamentar «a manutenção dos monumentos a Lénine» ou, como cita o *FAZ* do seu livro, constatar muito nervoso e indignado que «hoje assistimos calmamente à lavagem de Stáline por alguns serviços públicos e meios de comunicação de massas!».

Os vencedores de ontem têm todas as razões para temer. Quinze anos depois do seu triunfo sobre o socialismo mergulham na crise mais profunda do seu sistema: económica, política, social, cultural e, não menos importante, ideológica. Torna-se cada vez mais claro: a crise geral do capitalismo, apesar da derrota do socialismo na Europa, não está ultrapassada, antes continua e aprofunda-se. E cresce a resistência.

5. Uma das razões deste receio dos vencedores de ontem é também seguramente a o facto de não terem conseguido ganhar a maioria da juventude dos ex-países socialistas.

O exemplo do Leste da Alemanha é válido também para outros ex-países socialistas. Um estudo da Universidade de Leipzig, de que o *Neuen Deutschland* publicou alguns excertos em 19 de Setembro de 2002, demonstra-o claramente.

Depois de 12 anos de capitalismo real, mesmo os jovens que só viveram alguns anos como cidadãos da RDA concluíram que a ordem socialista, apesar das suas avançadas deformações, era mais humana do que a da Alemanha Federal. O estudo afirma:

«Para 91% dos interrogados havia antes da mudança mais segurança, só 1% é da opinião de que a situação hoje em dia é melhor (...) A perspectiva de futuro do actual sistema social é considerada extremamente baixa, só uma pequena parte espera que este sistema se mantenha para sempre. (...) O afastamento do sistema capitalista vai a par com uma identificação crescente com os ideais socialistas. (...) O ideário socialista não desapareceu das cabeças dos jovens da Alemanha de Leste.» (Retirado do meu artigo: «O Primeiro Socialismo Imortal», in: *Nos escombros sem perdão. Homenagem a Peter Hacks*, Editora *Eulenspiegel*, Berlim, 2003, pág. 225)

6. Os anti-stalinistas conseguiram que as obras de Stáline, as mais importantes no marxismo depois das de Marx, Engels e Lénine, tenham sido banidas desde há meio século pelos comunistas. Tal como os papas colocaram as obras de hereges no *Index*, assim as obras de Stáline foram moralmente proscritas e assim também colocadas no *Index* pelos dirigentes dos partidos do socialismo e comunismo «democrático» e «pluralista». (Com as obras de Stáline, que foram deitadas para o lixo depois da sua difamação por Khruchov, podia-se encher muitas bibliotecas).

Foi exactamente com o início desta época de *Index* que começou também a decadência do socialismo e do movimento comunista.

Nas condições prévias imprescindíveis para o seu novo desenvolvimento inclui-se, por isso, a necessidade maciça do estudo renovado da obra de Stáline, na qual está contida a grande riqueza das experiências da construção bem sucedida do socialismo no caminho apontado por Lénine.

Esta conferência – sem as Notas Finais – foi proferida na Conferência «Revisionismo, o Coveiro do Socialismo – do início até à amarga derrota», organizada por Offensiv, leitura e discussão com Kurt Gossweiler e Harpal Brar, Berlim, 24 de Agosto de 2002. Com as Notas Finais foi apresentada, em 2 de Fevereiro de 2004, no curso organizado por Gerald Hoffmann, «Questões Actuais da Teoria e Praxis Comunistas à luz do Manifesto do Partido Comunista». Publicada em Offensiv – Revista pelo Socialismo e Paz, 2/2004, p. 35-56.